



A LENDA DE
OÃDA
Hinos dos Escravos

Giotto Vassoia

Capítulo de Amostra

A LENDA DE
OÃDA
Hinos dos Escravos

Giotto Vassoa

Este livro é protegido por direitos autorais e sua propriedade intelectual é de propriedade exclusiva do autor.

Ao baixar este livro, receberá uma amostra gratuita que inclui apenas um capítulo do livro do original. Este capítulo é fornecido apenas para fins de avaliação e não pode ser distribuído ou reproduzido sem a autorização expressa do autor.

Concorda também em não copiar, distribuir, vender ou explorar comercialmente o conteúdo em qualquer forma sem o consentimento por escrito do autor. Não fazer engenharia reversa, descompilar ou modificar o código-fonte do livro.

O autor não se responsabiliza por qualquer dano ou perda resultante do uso deste livro, incluindo erros ou omissões no conteúdo. O livro é fornecido “como está” e sem garantia de qualquer tipo, expressa ou implícita.

Ao baixar e ler este livro, concorda com todos os termos e condições estabelecidos nesta página. Se tiver alguma dúvida sobre o uso do mesmo, entre em contato para obter mais informações.

Título

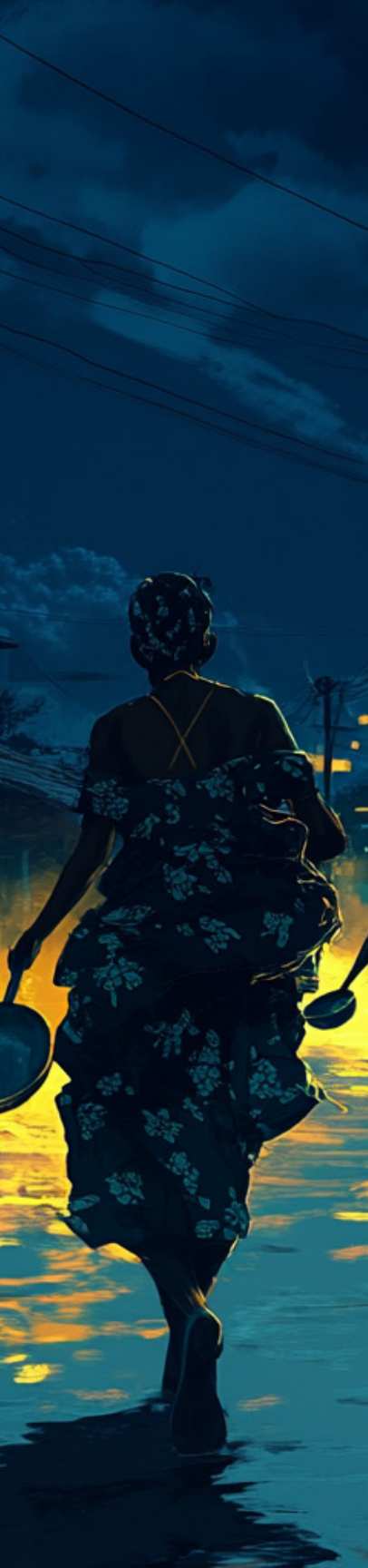
A Lenda de Oãda: Hinos dos Escravos

lendadeoada.com

Email: ola@lendadeoada.com

*Considerando que sois livres, não useis a liberdade
como pretexto para fazer o que é mal, mas vivei como
servos de Deus.*

1 Pedro 2:16



Capítulo 1
A FUGA

‘*Lário, acorda! Precisamos sair daqui já!*’.

O tempo parecia estar a correr mais rápido do que o habitual. Sentiam-se frenéticas vibrações de cascos de cavalos vindo do lado de fora da casa onde Lário e seus amigos estavam hospedados. Conseguiram ouvir distantes gritos ficarem lentamente mais audíveis e perceptíveis à medida que também viam o sono ser arrebatado dos seus corpos dormentes, enquanto iam entendendo o que estava a acontecer. Lário, que normalmente tinha um sono muito pesado, já estava todo acordado, seus pés movimentando-se de forma quase independente em relação aos pensamentos que corriam em seu cérebro, seguindo as sombras dos seus três companheiros, projetadas pela lua no chão gelado da pequena cidade que os tinha acolhido nos últimos meses. Enquanto acelerava, conseguia ver, do outro lado das casas, um grande rio que corria na mesma direção que o grupo.

‘*Roberta, o sinal!*’ – gritou Lário, enquanto tentava equilibrar-se nos tropeços que dava ao lançar sua cabeça para trás, controlando seus perseguidores. A moça que corria na frente do grupo tirou do bolso da sua própria calça um pequeno bastão, raspou-o no alcatrão enquanto corria e, da sua ponta, explodiu uma forte luz vermelha. Apontou a luz no bastão para o céu, revelando o seu rosto sério e confiante. A cicatriz por baixo do seu olho direito parecia ser um acessório complementar ao seu curto cabelo, dando-lhe um ar ameaçador e perigoso.

De repente, a luz saiu do bastão, como um raio reverso, em direção

Capítulo 1: A Fuga

às estrelas. Ao atingir a altitude pretendida, o raio desintegrou-se em diversas bolas de luzes vermelhas, que se dispersaram em todas as direções. Segundos depois, escutaram-se múltiplas explosões no céu, cada uma no seu momento.

Lário sorriu ao ver que os moradores das casas por onde passavam atenderam ao chamado e se tinham feito às ruas, todos eles segurando panelas, vassouras, pás e outros objetos do dia-a-dia. Enquanto as senhoras que tinham as panelas faziam barulho batendo-as com colheres de ferro, alguns homens montavam barris nas estradas, bloqueando as passagens por trás do grupo que estava em fuga.

‘*Preparem-se!*’ – gritou o jovem mais próximo do Lário. Lário virou-se para ele com um olhar de quem parecia estar à procura de reafirmação. O jovem, cuja altura e magreza faziam-no parecer um espantalho que tinha ganho vida, soltou um sorriso. Era o que o Lário precisava. Lário parou, assistindo os outros três continuarem a corrida. Roberta seguiu o caminho alcatroado, o moço alto entrou para um dos becos à esquerda e o outro jovem entrou numa das casas à direita.

‘Boa sorte, amigos’ – disse Lário, sentindo seu coração contrito e suas mãos trêmulas. Virou-se para trás e viu que os moradores que estavam na rua olhavam para ele com um olhar apreensivo.

‘Por aqui, mestre Lário!’ – disse, com um tom de urgência, a voz rouca de um senhor forte, em frente a um bar. Lário acenou aos moradores e seguiu o dono da voz.

O local estava frio e escuro. A única fonte de luz era o candeeiro na mão do homem a quem Lário seguia. Passaram juntos pelo balcão e, em silêncio, atravessaram uma estreita porta que os levou até à cozinha. O barista entregou o candeeiro ao Lário e em seguida empurrou o fogão, revelando um alçapão. Lário devolveu o candeeiro ao barista, que mostrou um sorriso no rosto enquanto o recebia.

‘Por que estás a sorrir, Oinor?’ – perguntou Lário, abrindo o alçapão, – ‘não sabes que estamos em guerra?’.

‘Sei sim, mestre Lário’ – respondeu Oinor, com o sorriso ainda mais pronunciado, – ‘estou a sorrir por ter a oportunidade de ajudar o herói que nos libertará desta opressão toda’.

‘Não te empolgues, Oinor’ – disse Lário, voltando a pegar no candeeiro e dando alguns passos descendo as escadas que o alçapão revelara, – ‘eu sou apenas um fugitivo. A minha fisga?’.

Oinor lançou suas mãos para os bolsos do seu grosso casaco, vasculhando-os rapidamente. Tirou de um deles uma fisga e um pequeno saco enrolado em linha de sisal. Entregou os dois ao Lário, com uma expressão de desconforto no rosto.

‘Tens mesmo de aprender a controlar as tuas expressões faciais’ – disse Lário, colocando a fisga e o saquinho no bolso.

‘Preocupa-me que tenhas tido tantas opções de armas e decidiste escolher uma fisga’ – disse Oinor, com um tom pesado.

‘Com isto’ – começou Lário, batendo levemente no bolso onde colocou a fisga e o saquinho, – ‘eu nunca falho’.

Capítulo 1: A Fuga

Lário despediu-se de Oinor e, enquanto descia as escadas estreitas, ouviu a porta pesada do alçapão fechar atrás de si. No fim das escadas, encontrou um corredor igualmente estreito. O teto estava repleto de teias de aranhas e o chão coberto de ossos de pequenos roedores. O cheiro daquele lugar era uma mistura de podridão e humidade.

‘Oinor, não podias limpar este lugar mesmo?’ – pensou Lário em voz alta.

Mas logo lembrou-se que não devia reclamar. O Oinor já tinha feito muito por eles e pela sua causa, e tinha sido um amigo incansável desde o dia que os conheceu. No semestre anterior, a princesa Omena havia quebrado no mínimo duas dúzias das regras que pesavam em seus ombros como membro da realeza e herdeira da coroa. Se isso não fosse o bastante, ela fez o que todo mundo considerou um milagre: quebrou a Essentia Regul, uma lei inquebrável que impedia os moradores de Arret de irem até ao mundo Além do Véu. Este é um mundo paralelo que abriga os Conceituhs, materializações de ideias e conceitos, e os Extrahumanos, materializações das almas dos cidadãos de Arret. Essa lei não era comum, mas uma espécie de energia invisível que controlava parcialmente o livre-arbítrio das pessoas. No entanto, Omena conseguiu desfazer-se da mesma, foi ao mundo dos Conceituhs e Extrahumanos, e voltou com o seu próprio Extrahumano, o Shofil, como prova de sua viagem. Deu instruções aos moradores sobre como quebrar a lei inquebrável, mas até aquele

momento, ninguém mais havia conseguido ir Além do Véu. Isso fez com que os cidadãos da Vila da Caridade, que foi onde a Omena explicou ao povo como quebrar a Essentia Regul, e de outros locais de Arret que tinham escutado a história, começassem a achar que a princesa ou era uma charlatã ou alguém muito especial. As opiniões estavam divididas. Lário e os outros amigos da Omena mantinham-se fiéis à amizade e incondicionalmente apoiavam, defendiam e mantinham-se cúmplices de tal crime. Tanto que agora estavam todos a ser perseguidos pelo conselho real.

Lário, enquanto caminhava pelo corredor, que parecia estar a ficar cada vez mais estreito e sentindo o local ficar cada vez mais frio, lembrava-se de como tinham escapado da primeira vez. Tudo aconteceu muito rápido. A guarda real cercou a Vila da Caridade. Estavam à procura da Omena. Bom, não exatamente. Eles queriam pegar os amigos da Omena que ainda estavam lá para os interrogar, na esperança de que um deles cedesse e entregasse a localização da princesa. Foi Lário quem criou a divergência e conseguiu gerar uma abertura para que ele e a Shadma, que era a outra amiga da Omena que na altura ainda estava na Vila da Caridade, pudessem escapar. Isso, porém, aconteceu não antes deles perceberem que alguns dos guardas estavam, na verdade, à procura de uma forma para facilitar a fuga deles. Descobriram mais tarde que o estavam a fazer sob ordens do novo capitão da guarda.

Ao chegar ao fim do corredor, Lário deparou-se com uma porta de aço que parecia extremamente pesada. Não tinha nenhum tipo

Capítulo 1: A Fuga

de maçaneta do lado em que ele estava. Colocou o candeeiro no chão, tirou do bolso a fisga e o pequeno saco envolto em sisal. Depois de abrir a saqueta, tirou de dentro dela uma pequena pedra. ‘Por favor, não me desapontem’ – disse Lário, preparando a pedra na fisga e apontando-a para a porta. A pedra rasgou o ar e, após colidir com o aço e encher o corredor com o som do impacto, escutou-se do outro lado uma sequência de cliques tão altos que fizeram as paredes à volta vibrar.

Lário apanhou o candeeiro enquanto olhava para a porta e escutava os cliques que esta fazia. Segundos depois, a porta abriu-se lentamente, revelando três rostos que eram, para ele, familiares. ‘Pensávamos que não vinhas mais’ – disse um jovem que vestia uma armadura dourada e vermelha, empunhando uma espada longa e grossa. As dreads na sua cabeça estavam amarradas num rabo-de-cavalo.

‘Deve ter sido a barba’ – disse uma jovem de olhos preguiçosos, com um sorriso no rosto, – ‘o Lário provavelmente ficou ocupado demais a apreciar-se ao espelho’.

‘Muito engraçado, Shadma’ – disse Lário num tom sarcástico, entrando na larga sala onde estavam os outros, – ‘e por que é que estás com essa espada nas mãos, Danz? Estás à espera de mais alguém?’.

‘O Danz acha que existem mais grupos a agir de forma independente na guarda’ – disse o jovem ao lado da Shadma, extremamente parecido com ela, – ‘a desconfiança dentro da realeza é quase

tangível. Por isso estamos sempre com a guarda alta’.

‘Imo, o que aconteceu ao teu braço?’ – perguntou Lário em choque, vendo que o braço do Imo estava coberto de ligaduras com manchas secas de sangue.

‘Isso é história para outra altura’ – disse Danz, guiando o grupo para uma pequena mesa perto de onde estavam, – ‘precisamos garantir que vocês consigam sair daqui sem que sejam apanhados’. Shadma abriu a pequena bolsa que estava a carregar e, de dentro dela, com toda a delicadeza que Lário sabia que ela tinha, retirou um mapa enrolado. Lançou o seu longo cabelo preto para o lado, enquanto desenrolava o mapa. Lário olhava atentamente para o cabelo da Shadma, que costumava estar sempre liso, penteado e uniforme. Só que agora, à luz do candeeiro, conseguia ver o cabelo cansado, desnivelado, seco e num desgaste que acompanhava o seu rosto e o seu corpo. Enquanto o contemplava, o estômago de Lário embrulhava-se, procurando encontrar forças para olhar para aquela situação como passageira. Via Imo segurar o braço com as ligaduras, fazendo o que parecia ser uma massagem para aliviar algum tipo de dor. Talvez não fosse uma dor no braço. Talvez fosse uma dor na alma. O cenário era, verdadeiramente, pesado. ‘Se os guardas tiverem obedecido às ordens do Danz’ – começou Shadma, apontando para o mapa desenrolado na mesa, – ‘eles devem estar posicionados aqui, aqui, aqui e aqui. Em grupos de oito. Este último grupo está com uma carruagem, que é suposto servir de cadeia móvel para todos os que forem capturados. Será

onde a Roberta ficará presa até chegar à Basmut’.

Lário lançou um olhar preocupado ao Danz.

‘Não te preocupes, Lário’ – disse Danz, confiante, – ‘a Roberta é mais valente e mais ágil do que metade da guarda. Ela vai ficar bem’.

‘Sim, mas e então? A outra metade?’ – perguntou Lário, revelando indignação na voz, – ‘eu não posso permitir que ninguém da minha equipa sofra dano algum. Deve existir alguma alternativa para essa parte do plano!’.

‘Lário, precisas de te preocupar com a tua parte do plano’ – disse Imo, segurando o ombro de Lário com a sua mão ferida, – ‘a Roberta é essencial para isto. O Danz vai garantir que ela tenha a proteção necessária’.

Lário olhou para as ligaduras no braço do Imo e viu que em partes delas lentamente apareciam frescas manchas de sangue. Olhou para seus olhos e viu que Imo estava, assim como Shadma, com um olhar desgastado, mas que em nenhum momento o lançou para o seu braço ferido enquanto falava com Lário. Lário lentamente acenou com a cabeça em concordância e Imo retirou do seu ombro a sua mão.

‘E esta saída?’ – perguntou Lário, ao apontar para o mapa na entrada oposta às que Shadma havia indicado.

‘Aqui não haverá soldados’ – disse Danz, – ‘é o local onde o Limor irá instalar os fogos. Já agora, ele conseguiu seguir para a casa do Kwino?’.

‘Sim, ele entrou na casa do Kwino antes de eu entrar para o bar do Oinor’ – disse Lário, numa voz pequena.

‘Muito bem’ – disse Shadma, – ‘então ele deve chegar aqui a qualquer momento. Só nos resta esperar’.

Lário puxou uma cadeira e sentou-se. Imo e Shadma fizeram o mesmo. Danz manteve-se em pé e olhava à volta, como que a inspecionar o local. Shadma olhou para Lário e soltou um meio sorriso. Lário sorriu levemente e virou-se para Danz.

‘Alguma notícia da Omena?’ – perguntou Lário.

‘Nenhuma’ – disse Danz, – ‘tal como planeamos’.

‘Parece que o Obiô tinha razão’ – disse Lário, – ‘quanto mais tempo conseguirmos ficar sem sermos apanhados e quanto menos soubermos da Omena, mais protegida ela fica. Como estão as coisas em Basmut?’.

‘A guerra continua’ – disse Imo, levantando o braço e mostrando as ligaduras, – ‘a realeza não tem conseguido controlar o submundo. Desde que o Danz virou capitão da guarda real, parte dos moradores de lá sente que é só uma questão de tempo para que os reis invadam. Gaphuro está a liderar um grande grupo de rebeldes. Numa das batalhas, o irmão dele, Rumoro, foi capturado e preso. Desde então, os esforços dos reis têm sido divididos entre estancar a guerra e encontrar Omena e os seus cúmplices’.

‘E a rainha Otília?’ – perguntou Lário, apreensivo.

‘Desde a última vez que estivemos juntos, ela sofreu dois atentados’ – disse Danz, – ‘um no próprio palácio, outro a caminho de uma

Capítulo 1: A Fuga

reunião do conselho dos reis. Thúndio e eu estávamos com ela nos dois ataques. Agora ela passa os dias no palácio, cercada de soldados’.

‘E a minha avó?’ – desta vez, a voz de Lário estava trêmula e cheia de receio.

Pela primeira vez naquela noite, Lário viu o semblante confiante de Danz apresentar falhas. Shadma virou-se para Danz e viu-o contorcer-se levemente, à procura de palavras.

‘A tua avó, Lário’ – começou Danz, sua voz quebrando, – ‘foi atingida por uma flecha no fogo cruzado. Ela está muito fraca. Não se sabe ao certo se ela vai sobreviver’.

O silêncio que caiu sobre aquele lugar perfurava mais do que uma espada afiada. Lário manteve-se estático por um momento. Shadma olhava para ele atentamente, como alguém que procurava, com cautela, ler o ambiente e o que estava em seu coração. A avó de Lário era a pessoa mais importante para ele. Ela era a governanta do património Ziad, que era a família da princesa Omena e da rainha Otília. Era também a funcionária mais velha de toda a realeza. O povo de Basmut tinha-na como fonte de inspiração pelo facto de ser alguém que veio de uma família extremamente pobre e, pela dedicação e trabalho duro que apresentava, cresceu e ganhou notoriedade entre os reis. Hoje, mesmo não sendo uma Ziad, dentro daquela família real, a sua autoridade só estava abaixo da própria rainha. Em nenhuma outra família existia alguém de sangue não real tão influente. Ela tinha criado Lário depois que

os seus pais se separaram, quando ele tinha apenas dois anos de idade. Lário cresceu vendo o respeito que a sua avó recebia pela posição que tinha alcançado. Apesar de extremamente estrita, as memórias que Lário tinha dela eram todas de muito afeto, carinho e cuidado.

O gesto que Lário empregou em seguida surpreendeu a todos naquela sala. Lário sorriu. Um sorriso genuíno.

‘Eu sabia que tu eras pessimista, Danz’ – disse Lário, cruzando o seu olhar convicto com o de Danz, – ‘mas não sabia que eras *tão* pessimista. Conheces alguém mais teimosa e mais dura do que a minha avó?’.

O olhar de Danz passou de cautela para surpresa e de surpresa para confiança mais uma vez. Shadma, que era conhecida como alguém capaz de ler pessoas com uma acurácia extremamente alta, sorriu e deixou escapar um suspiro de alívio. Imo levantou-se da cadeira onde estava sentado.

‘Lário, o que é que descobriste durante o teu tempo aqui?’ – perguntou Imo, caminhando na direção de uma entrada que Lário só naquele momento percebeu que estava ali.

‘Ah, sim’ – disse Lário entusiasmado, levantando-se e ficando em pé atrás da sua própria cadeira, – ‘algumas coisas não estão a bater’.

‘Quais coisas?’ – perguntou Danz, curioso.

‘Bom’ – começou Lário, num tom dramático, – ‘para início de conversa, todos os comerciantes dizem que o marido da Regna nunca veio vender fertilizantes aqui. O que vai contra o que a nossa

suspeita número um da morte do Bestúg nos contou’.

‘Isso é realmente interessante’ – disse Imo, pensativo.

‘Mas isso não é tudo, meus caros amigos’ – disse Lário, com um tom de drama ainda mais acentuado, – ‘lembram das datas que dissemos que batiam com o tempo necessário para sair da Vila da Caridade, ir até Basmut, matar o Bestúg e voltar? Pois, então. Todos os comerciantes confirmam tê-la visto durante aquele tempo cá em Guzandia. Oinor ainda confirmou que ela alugou o quarto na parte de trás do bar’.

Todos naquela sala, incluindo a Shadma, arregalaram os olhos em surpresa.

‘E não acaba aí, companheiros!’ – disse Lário, empolgado, – ‘segundo as minhas fontes, que não irei revelar porque prezo pelo profissionalismo na minha profissão de investigador... ei! Não seriam! Então, um dos comerciantes, durante uma conversa com a Regna, disse a ela que Guzandia nunca compraria os fertilizantes dela porque são adulterados’.

‘Que relevância isso tem para nós?’ – perguntou Imo, tentando fazer sentido da informação que Lário acabara de dar.

‘Acho que estou a perceber’ – disse Danz, – ‘ela sabia que o marido não tinha vindo à Guzandia vender fertilizantes. Não foi algo que ele estava a esconder dela. Foi algo que ela, por algum motivo, sabia que era mentira’.

‘Bingo!’ – disse Lário, – ‘começo a pensar que talvez o marido da Regna tenha ido à casa dos pais da Harmónia para, talvez, ganhar



Capítulo 1: A Fuga

tempo para ela fugir. Afinal de contas, ela ainda tinha motivos para querer desaparecer. Nós descobrimos que o baú com os perfumes não tinha os livros. Só que também pode ser que o marido dela não saiba de nada e que ela simplesmente mentiu para nós e desapareceu’.

‘Que mulher mentirosa’ – disse Imo, – ‘bom, pelo menos sabemos que ela não é uma assassina. Aliás, sabemos que não foi ela quem matou o Bestúg’.

‘Por que é que ela estava em Guzandia naquela altura?’ – perguntou Shadma, finalmente entrando na conversa.

‘Ninguém sabe dizer ao certo’ – disse Lário, seu tom de voz apresentando uma textura desapontada, – ‘só dizem que ela caminhava pelas ruas, parava em bares para beber e voltava para o seu quarto no bar do Oinor’.

‘Talvez estivesse a precisar de férias para afogar as mágoas e escolheu passar esse tempo aqui’ – disse Danz num tom cômico. No mesmo momento, escutaram-se pesados passos a vir na direção da entrada que Lário viu quando Imo se levantou. Danz fez um gesto com a sua mão livre para que Lário se ajoelhasse. Lário obedeceu e, logo de seguida, sentiu o fio da pesada espada de Danz em seu pescoço.

‘Ei, ei! Relaxem. Sou eu.’ – disse o jovem que, antes de Lário entrar no bar do Oinor, tinha entrado numa das casas no caminho, – ‘devo dizer que essa pose é muito convincente. Estás a tremer mesmo sendo tudo um teatro’.

‘Eu faço a minha parte como deve ser, Limor’ – disse Lário, segurando a mão do jovem recém-chegado e levantando-se, – ‘montaste todos os fogos?’.

‘Sim, está tudo preparado’ – disse Limor, – ‘lá fora está uma grande confusão. A Roberta é mesmo muito boa em combate. Os moradores estão a fazer muito bem o seu papel’.

‘Ela já foi capturada?’ – perguntou Lário num tom sério.

‘Sim, está na carruagem, tal como planejamos’ – disse Limor, – ‘o Thúndio foi quem a capturou, então está segura’.

‘Perfeito’ – disse Danz, – ‘então está na hora. Shadma, fizeste a tua parte lindamente. Agora precisamos que voltes ao esconderijo e fiques lá até que os soldados saiam de Guzandia. Imo, Lário e Limor, vocês vêm comigo’.

Imo e Shadma abraçaram-se enquanto Danz enrolava o mapa que estava por cima da mesa. Limor ficou na entrada de onde tinha passado para controlar o caminho. Lário segurou o candeeiro e andou para perto de Limor.

‘Alguma notícia do Termolo?’ – perguntou Lário em voz baixa a Limor.

‘Até agora nada’ – respondeu Limor, – ‘quero crer que ele saiu da cidade com sucesso’.

‘Amigos’ – disse a voz de Shadma. Lário olhou na sua direção e viu que ela estava à beira de um alçapão aberto, ao lado da mesa onde eles estavam sentados, – ‘não se esqueçam do nosso objetivo. Proteger a Omena a todo custo. Só ela pode terminar com essa

guerra’.

Os rapazes acenaram com a cabeça em concordância. Ter a proteção da Omena como objetivo principal para todos os planos e passos do grupo mantinha todos os envolvidos com forças para continuar a seguir em frente. Criam na convicção da Omena. Acreditavam que ela era a chave para salvar o reino, mesmo não sabendo exatamente como isso aconteceria.

Shadma despediu-se e entrou pelo alçapão. Danz fechou a tampa enquanto ela descia. Olhou para o resto do grupo e, com a confiança necessária, dirigiu os rapazes pela entrada. Seguiram por um corredor longo e estreito, tal como aquele que Lário tinha passado quase meia hora atrás. Este, diferente do outro, era curvo. Quando chegaram às escadas, Lário olhou para o alçapão no fim delas e viu que estava aberto.

‘Limor, deixaste a entrada aberta?’ – perguntou Lário, virando-se para Limor com um olhar suspeito.

‘Claro que não’ – disse Limor, perplexo.

Lário olhou para Danz e Imo, que tinham um olhar de espanto tanto quanto os outros dois. Quase sem pensar, Lário puxou o braço de Limor e, juntos, correram na direção oposta às escadas e ao alçapão. Enquanto o faziam, escutavam gritos de soldados a descer pelas escadas. Parecia haver um debate, seguido por uma luta. Lário e Limor correram velozmente, sem olhar para trás. Chegaram à sala de onde tinham saído e logo se dirigiram ao alçapão por onde Shadma tinha passado, para o abrir. Enquanto o

faziam, Limor olhou para a entrada por onde tinham vindo e viu que não tinha uma porta para fechar. Quando o alçapão da sala estava aberto o suficiente para não precisar de duas pessoas para terminar o trabalho, Limor correu, pegou na mesa, arrastou-a até à entrada e colocou barris para suportar o peso e servir de barreira. *‘Shadma! Precisamos sair daqui agora!’* – gritou Lário enquanto descia pelas escadas. Quando chegou ao fim destas, viu-se em pé num pequeno armazém, onde Shadma estava sentada a ler um livro num dos cantos. Shadma levantou-se de forma urgente e subiu as escadas com Lário, encontrando Limor no topo do alçapão. Juntos correram até à porta de aço. Lário e Limor abriram-na girando uma pesada manivela, fazendo a sala tremer com os cliques que a porta fazia. Atrás deles as vozes dos soldados estavam cada vez mais audíveis, indicando que a luta aproximava-se da entrada. A porta finalmente abriu-se e Shadma, Lário e Limor passaram por ela, fecharam-na e seguiram pelo corredor numa corrida frenética. Lário liderava o caminho, empunhando o candeeiro na mão direita. Limor tentava ajudar Shadma a manter o passo, porque ela era a mais lenta entre os três.

‘Como é que isso aconteceu?’ – perguntou Lário em voz alta. O consenso era que não era possível que alguém de dentro da cidade os encontrasse lá, porque aquela passagem dava para fora da mesma e para longe. Danz tinha mencionado a possibilidade de grupos de soldados estarem a agir de forma independente, mas a ponto de interceptar o seu plano tão acuradamente, sendo que eles

iam utilizar uma saída longínqua para evitar chamar a atenção? ‘Roberta!’ – gritou Lário, virando-se para o grupo e tentando voltar pelo corredor.

‘Lário, não!’ – disse Limor, segurando-o pelo braço, – ‘alguém traiu-nos e muito provavelmente tenha sido ela. Não te esqueças que ela é do submundo de Basmut. Não tem nada a perder’.

‘A Roberta não nos trairia!’ – gritou Lário, – ‘eu sei que não. E se nós estamos nesta situação, ela deve estar em piores condições porque foi apanhada. Temos de salvá-la!’.

‘Lário, escuta’ – disse Shadma, colocando-se no seu caminho, – ‘se nós voltarmos, corremos o risco de piorar o estado da missão. Vamos continuar com o plano de contingência. Temos mais chances de salvar a Roberta seguindo por aqui do que voltando e lutando com os soldados’.

Lário, que tinha sua respiração trêmula, olhou para a Shadma, acenou positivamente, tirou a fisga e as pedras do bolso e, num gesto com a cabeça, convidou os seus companheiros a continuar a segui-lo pelo corredor. Não demorou muito tempo para que eles alcançassem o alçapão por onde Lário originalmente atravessou. Com a sua fisga, apontou e fez soar o impacto da pedra no aço. Segundos depois, ouviu-se o alçapão a abrir-se do lado de fora. Quando aberto, viram o rosto do Oinor, assustado, a olhar para eles. ‘Mestre Lário, o que aconteceu?’ – perguntou Oinor, vendo os fugitivos a passar pela entrada e fechando-a atrás deles.

‘Alguém entregou o nosso plano, Oinor’ – disse Lário, seguindo

pelo bar, – ‘vamos precisar de tempo. Precisaremos de chegar à torre, mas pela floresta. Consegues providenciar espadas para Limor e Shadma?’.

‘Sim, claro’ – disse Oinor, correndo para trás do bar e passando três espadas para o grupo. Shadma e Limor cada um levou uma.

‘Mestre Lário, por favor, leve esta espada’ – disse Oinor, com profundo pesar na voz.

‘No dia que eu lutar usando uma espada, certamente morrerei’ – disse Lário, com um sorriso confiante, segurando a espada e entregando-a ao Limor, – ‘obrigado, Oinor’.

Limor, Lário e Shadma saíram do bar, correndo pela estrada de alcatrão que estava lotada dos moradores da cidade a criar barricadas com todo tipo de objetos que encontravam. As senhoras e crianças a fazer barulho com panelas. Quando viram os fugitivos, duplicaram os esforços que estavam a empenhar.

No final da rua de alcatrão, avistaram a entrada da floresta. Lário olhou para trás e viu que não estavam a ser seguidos.

‘Algo não está certo’ – disse Lário.

‘O que é?’ – perguntou Limor.

‘Está calmo demais’ – respondeu Lário, – ‘se eles sabem do nosso plano, deviam estar na nossa cola agora’.

‘Talvez estejam à nossa espera na floresta’ – disse Shadma, – ‘isso se a pessoa que abriu o jogo tenha dado também o plano B’.

‘É verdade. Se eles nos encontraram na outra entrada’ – começou Lário, pensativo, – ‘é possível que eles estejam também à nossa

espera dentro da floresta’.

‘Faz sentido’ – disse Limor, – ‘o que vamos fazer? Esta é a única saída que podemos utilizar agora’.

‘Vamos ter de arriscar e seguir’ – disse Lário, num tom sério, – ‘não temos outra alternativa’.

Os três entraram pela floresta, tentando fazer o mínimo de barulho possível. O som das panelas vibrando pelo luar ficava cada vez mais distante. A floresta era densa e parecia sussurrar. Quanto mais adentravam, mais sentiam que ela os pressionava em trevas. Por um momento, tiveram todos a impressão de que estavam a ser observados. Logo veio a confirmação. Num instante, viram uma flecha sair da escuridão e cruzar seus olhos, acertando numa árvore e revelando uma corda anexada à mesma. Lário pegou na sua fisga e lançou um tiro de volta ao caminho escuro de onde tinham visto a flecha voar. Escutaram um forte grunhido e algo a bater no chão com força. Lário olhou para Limor e para Shadma. Eles lançaram um olhar encorajador e juntos foram na direção do som que escutaram. Quando chegaram, viram um homem de armadura dourada e vermelha estatelado no frio piso da floresta. Uma marca, bem visível, onde a pedra acertou, cravada em sua testa.

‘É mesmo um soldado dos Ziad’ – disse Limor, – ‘este trabalha diretamente com a rainha. Deve ter caído de cima desta árvore quando o acertaste. Está inconsciente’.

‘Por que é que ele estava sozinho e escondido?’ – perguntou Lário,

olhando com um ar suspeito à sua volta, – ‘não é comum os soldados da guarda criarem emboscadas. Sempre que se apresentam, o fazem com muita proeminência’.

‘Parece que foi uma súbita mudança de planos’ – disse Shadma, abaixando para ver o soldado mais de perto, – ‘se o plano original tivesse sido subir numa árvore para nos emboscar, não o teria feito usando uma armadura. Suspeito que ele tenha tido muita dificuldade ao escalar’.

‘Temos de desarmá-lo’ – disse Limor.

Rapidamente, o grupo tirou do soldado a sua espada, o seu arco e suas flechas. Enterraram as armas a alguns metros de distância do mesmo. Deixaram-no deitado no chão e seguiram pela floresta. Enquanto caminhavam, tinham o cuidado de manterem-se todos muito próximos, principalmente à volta da Shadma, para a proteger. Não muito tempo depois, Limor, muito atento, escutou o som de galhos a quebrarem-se perto deles.

‘Shadma’ – disse Limor, olhando na direção de onde tinha escutado o som, – ‘suba nesta árvore agora’.

Shadma obedeceu e, com a ajuda do Lário, fez-se ao topo da árvore que o Limor indicou. O que veio a seguir foi, bem no ouvido do Lário, um ensurdecedor som de espadas a colidirem. Lário virou-se e viu que Limor estava engajado em combate com outro soldado de armadura dourada e vermelha. Limor segurava a vantagem, porque tinha duas espadas em suas mãos. Coreografavam uma batalha intensa e de ritmo acelerado. Lário pegou novamente na

Capítulo 1: A Fuga

sua fisga e lançou um tiro no olho de tal soldado. O soldado soltou um grito de agonia e lançou-se freneticamente ao Limor, com um olho fechado e empunhando a espada por cima da sua cabeça. No mesmo segundo, veio outro soldado que, com o peso do seu corpo, empurrou o soldado zarolho com tanta força que este bateu com a cabeça na árvore onde a Shadma estava e caiu inconsciente. Para a surpresa de todos, após este movimento, o soldado recém-chegado apanhou a espada do soldado caído e, numa investida violenta, lançou-se contra o Limor para o derrubar.

‘Lário, atrás de ti!’ – gritou Shadma do topo da árvore. Lário só teve tempo para baixar-se, fazendo com que um terceiro soldado tropeçasse em seu corpo, perdesse equilíbrio por um momento, mas logo a seguir o segurasse pelo braço armado com a fisga. Lário tentou soltar-se com recurso a uma cotovelada no torso deste soldado, mas foi em vão porque, em seu lugar, encontrou a resistência da forte armadura característica dos Ziad.

Limor ainda estava em combate com o soldado que tinha as duas espadas. Lário sentiu o soldado que o tinha segurado puxá-lo para longe dos outros. Enquanto fazia força para não se deixar levar, escutou um fino assobio rasgar a noite.

‘*Aha!*’ – disse Lário, ainda tentando se soltar, mas com uma expressão de triunfo em seu rosto, – ‘agora vocês vão ver!’.

No mesmo instante, sentiu um forte vento passar ao seu lado direito e, com um alto *clank!* vindo do capacete do soldado que o segurava, viu o mesmo cair no chão inconsciente. Livre do soldado, Lário

correu em direção ao Limor e gritou:

‘Para o chão, Limor!’.

Limor, sem hesitar, lançou-se ao chão e, como um relâmpago, um enorme bumerangue acertou no rosto do soldado com quem combatia, fazendo-o também cair no chão, ficando, assim como os outros soldados, inconsciente. O bumerangue apenas parou o seu trajecto quando, ao fim de um longo corredor de árvores, a silhueta de uma jovem o segurou com as próprias mãos.

‘Bem a tempo, Roberta!’ – disse Lário, chutando para longe a espada do soldado perto dele e vendo a Roberta aproximar-se do grupo.

‘Temos de sair daqui o mais rápido possível’ – disse Roberta, que foi ajudar a Shadma a descer da árvore, – ‘o Termolo traiu-nos. Ele foi ter com os soldados que estavam a guardar a carruagem onde eu estava presa e contou o plano de fuga e o plano de contingência’.

‘Termolo?’ – perguntou Limor em choque. Lário lançou-lhe um olhar de desaprovação, – ‘por que ele nos trairia?’.

‘Há um rumor que vem circulando há alguns dias’ – explicou Roberta, – ‘um dos comerciantes que veio de Basmut comentou com o Oinor que os reis dariam uma recompensa em ouro a quem levasse os amigos da Omena vivos até ao palácio do conselho. Isso e também o título de herói nacional. Oinor ordenou ao comerciante que não contasse a ninguém da cidade, mas Termolo escutou a conversa. Ele contou-me. Não imaginei, nem por um minuto, que tinha sido atraído pela oportunidade’.

Capítulo 1: A Fuga

Roberta desviou o olhar para o chão. Por uma fração de segundo, Lário teve a sensação de ter visto suas pernas fraquejarem.

‘Enfim, querendo a glória, foi falar com a guarda sobre o nosso plano’ – finalizou Roberta, com uma voz pequena.

‘Queriam-nos vivos?’ – indagou Limor, pegando nas espadas dos soldados inconscientes e enterrando-as, – ‘este tipo queria matar-me!’.

‘Tu não és exatamente um amigo procurado da Omena, Limor’ – disse Roberta com um tom áspero em sua voz, – ‘estás mais para um soldado que se tornou rebelde. Descartável’.

‘Não precisavas destruir-me assim, Roberta’ – disse Limor com um tom obscuro, mas cômico, difundindo a tensão.

‘Como é que escapaste?’ – perguntou Shadma, fazendo um sinal com as mãos para que o grupo a seguisse para longe dos soldados.

‘O Thúndio’ – disse Roberta, – ‘ele estava a liderar a unidade da carruagem, que foi onde o Termolo foi nos denunciar. Quando ouviu o Termolo a soltar o plano, ele destrancou a minha porta e entregou-me o meu bumerangue. Daí, disse-me para correr para a floresta, porque provavelmente vos encontraria aqui. Enquanto isso, os soldados...’.

Roberta parou em sua fala e reduziu o passo. A Shadma parou de andar, fazendo com que o resto do grupo parasse também. Os olhos da Roberta cruzaram os do Lário. À luz da lua, viam-se os globos oculares da Roberta cheios de lágrimas.

‘...eles mataram o Termolo’ – disse Roberta, friamente e de uma

só vez.

Shadma hesitou, mas lentamente caminhou até ela e deu-lhe um abraço. Lário lançou sua mirada ao chão. Seu rosto sereno, claramente ressentido.

‘Poxa, eu gostava daquele rapaz’ – disse Limor, cuidadosamente.

‘O Thúndio tentou impedir’ – disse Roberta, soltando-se do abraço da Shadma, – ‘mas eram sete soldados contra ele. Depois eles lutaram entre si porque cada um deles queria para si o ouro e o título de herói. O Thúndio perseguiu os três soldados que foram ao alçapão. Os outros quatro seguiram-me até à floresta’.

‘Isso explica as emboscadas silenciosas’ – disse Shadma, – ‘o que fazemos agora?’.

‘Pelos meus cálculos’ – disse Lário, levantando a cabeça e olhando ao escuro horizonte, – ‘existe uma carruagem sem soldados nesta direção. Será o nosso veículo de fuga. Para isso, ainda precisamos dos fogos’.

‘Eu posso acender os fogos’ – disse Shadma.

‘Não podes ir lá sozinha’ – retrucou Lário, – ‘se eles te pegarem, não teremos como te resgatar’.

‘Eles precisam de mim viva’ – disse Shadma, olhando fixamente para Lário, – ‘o Limor é um soldado desertado. A Roberta é uma rebelde do submundo. Qualquer um deles corre risco de vida. Tu és o líder da operação. Tem de ser eu. Eu teria ficado cá de qualquer das formas’.

Lário hesitou por um momento e depois acenou positivamente

com a cabeça. Shadma entregou a sua espada a Roberta.

‘Eu tenho o meu bumerangue’ – disse Roberta, – ‘entrega-a ao Lário’.

‘Eu não quero que ele morra’ – disse Shadma, sorrindo na direção dele. Lário soltou um contrito meio sorriso de volta.

‘Vamos’ – ordenou Lário.

Lário, Limor e Roberta seguiram juntos. Shadma seguiu por outro caminho, numa direção oposta à dos soldados inconscientes.

‘O Termolo falou sobre o Danz ser um agente duplo?’ – perguntou Limor.

‘Não, não falou’ – disse Roberta, – ‘não deu para perceber se foi por escolha ou por falta de tempo’.

‘Se tiver sido por escolha, foi uma escolha inteligente’ – disse Limor, – ‘se o Termolo tivesse sido preso, não teria o Danz e seu bom senso para o proteger depois da traição. Tenho certeza absoluta de que os rebeldes do submundo que estão do lado da Omena, sem a liderança do Danz, teriam ido atrás dele’.

Lário, enquanto caminhava, fechou os olhos por um momento e, quando os abriu, lágrimas refletiam a luz da lua.

‘Por quê?’ – disse Lário, sua voz firme, apertando sua físga com força, – ‘foi ele quem me deu a confiança necessária para seguir com o plano. Afinal, ele só queria que nós seguissemos para que fôssemos apanhados’.

‘Nós do submundo passamos toda a nossa vida a ser tratados como a escória que passa pelas drenagens da realeza’ – disse Roberta,

seu semblante sério e concentrado, – ‘uma oportunidade dessas, de riquezas e reconhecimento fácil, é tudo o que o povo da periferia de Basmut quer. Quando o Termolo se aproximou dos guardas, os nossos olhos cruzaram-se por um momento. Eu o percebi. Ele nos traiu sim, mas eu não o julgo por isso’.

Lário parou e olhou para Roberta. Seu coração estava agitado e precisava de descanso. Sentia-se pressionado por estar no meio de uma fuga e não ter tempo para parar e fazer sentido de tudo o que estava a acontecer. Sentia o peso da responsabilidade de liderar o grupo para fora de Guzandia para que pudessem todos viver. Suas mãos tremiam ligeiramente. Suas palavras se perdiam na neblina que cobria seus pensamentos.

‘Eu sei que, tendo a oportunidade, não farias o mesmo’ – disse Lário, finalmente, – ‘sinto muito pela morte do teu irmão, Roberta, mas, por favor, não me peças para entender a traição’.

Roberta olhou para Lário e viu-o limpar as lágrimas que quase escorriam. Limor olhava para ambos com neutralidade, mas empunhava suas espadas fortemente em suas mãos, pronto para qualquer eventualidade.

‘O marco de um rebelde não é a traição’ – disse Roberta, – ‘é a busca por justiça e mudança, sem prejudicar os seus companheiros de caminhada’.

‘Isso não me soa como a definição de rebelde que a maioria conhece’ – disse Limor.

‘É assim que os reis que habitam na escuridão vêm aqueles que

Capítulo 1: A Fuga

querem trazer luz ao reino’ – disse Roberta, – ‘por isso é que eu vejo a Omena como a verdadeira líder desse movimento’.

Continuaram o seu caminho, deixando para trás a floresta e entrando numa praça onde estava uma grande carruagem puxada por quatro cavalos brancos e fortes. Conseguiram ver marcas de sangue no chão, mas o corpo de Termolo não estava lá. Não parecia haver ninguém mais na praça. Lário, Limor e Roberta esconderam-se por trás dos arbustos que cercavam o lugar.

‘Parece que o caminho está livre’ – disse Lário, espreitando entre os arbustos, – ‘vamos pegar na carruagem e seguir para norte. Quando estivermos longe o suficiente, ficamos apenas com os cavalos’.

‘Será que a Shadma conseguiu chegar até a torre?’ – perguntou Limor.

‘Sim, conseguiu’ – disse Roberta, – ‘olhem’.

O céu estava a ser cruzado por dezenas de bolas de fogo gigantes, iluminando fortemente a praça e a cidade inteira. Viram as bolas descerem rapidamente em direção ao rio. Escutaram o impacto das mesmas sobre a água. Instantes depois, uma forte e densa neblina cobriu toda a praça e, pela forma como ela se movimentava, sabiam que tinha coberto toda a cidade.

‘Vamos agora!’ – disse Lário, correndo em direção à carruagem, escutando os passos dos seus companheiros atrás dele. Quando chegou aos cavalos, ajudou Limor e Roberta a subirem no veículo. A névoa era tão densa que não sabia exatamente como guiar os

cavalos para fora daquele lugar.

‘E aqui é onde precisaríamos do Termolo’ – disse Limor, ajudando Lário a subir na carruagem, – ‘para guiar-nos com o som do assobio’.

‘Vamos ter de improvisar’ – disse Lário, fazendo com que os cavalos andassem na primeira direção que sentiu ser a certa.

‘*Cuidado!*’ – gritou Roberta, fazendo com que Lário puxasse as cordas e evitasse que os cavalos batessem numa estátua no centro da praça. Só que a carruagem não teve a mesma sorte. Uma das rodas bateu direto na base da estátua, fazendo com que o veículo girasse completamente para o lado, soltando-se dos cavalos e batendo com força no chão. Limor foi lançado para fora da carruagem; Roberta caiu por cima de Lário. Conseguiram ouvir cascos de cavalos a cavalgar para longe.

‘Limor!’ – gritou Lário, tentando procurar entre a névoa o seu companheiro.

‘Eu estou bem’ – ouviu-se uma voz que se esforçava para falar não muito distante de onde estavam, – ‘consegui segurar num dos cavalos’.

Lário ajudou Roberta a levantar-se. Juntos saíram da carruagem capotada e seguiram o som da voz de Limor.

‘Um cavalo não vai ser o suficiente’ – disse Lário, tentando olhar à sua volta, – ‘vocês vão ter de seguir sem mim. Eles não me podem ferir’.

‘Lário, toda esta operação foi mesmo para que tu não fosses

Capítulo 1: A Fuga

apanhado’ – disse Roberta, – ‘tu és a pessoa que teve o último contacto com a Omena. Os guardas podem não te fazer mal, mas os reis vão fazer de tudo para tirar informação de ti. Foi por isso que nós seguimos o plano do Obiô. Não partilhar nada que a princesa te contava com mais ninguém’.

‘E de que vai valer tudo isto se vocês também morrerem?’ – disse Lário, agitado, – ‘eu vou procurar me esconder aqui mesmo. Se me encontrarem, não vai ser fácil me fazer falar. *Vão!*’.

Começaram a escutar o som de cascos de cavalo a vir naquela direção. Lário tentava empurrar Roberta e Limor para subirem no cavalo, mas Roberta recusava-se. A birra que faziam deu tempo suficiente para que o cavalo que vinha os alcançasse. Limor desembainhou suas duas espadas, Roberta retirou seu bumerangue do encaixe em suas costas e Lário preparou a sua fisga.

‘O que vocês ainda estão a fazer aqui’ – disse o guarda no cavalo que acabava de chegar, – ‘é suposto que vocês estejam fora de Guzandia’.

Mesmo com a névoa, conseguiam ver que este guarda tinha uma armadura diferente dos outros soldados que tinham visto até então. As cores eram prata e verde. Era um soldado da família do rei Arthuro. Lário não reconhecia a sua voz, mas estava levemente aliviado porque não pareciam estar a falar com um inimigo.

‘Qual é o teu negócio aqui?’ – perguntou Limor, com a guarda alta. ‘Fujam agora. Os outros soldados estão a caminho daqui’ – disse o soldado.

‘Nós só temos um cavalo’ – disse Lário, – ‘não é o suficiente’. O soldado desceu do seu próprio cavalo. Caminhou até ao grupo e entregou-o a Lário. Agora de perto, era possível ver o seu rosto entre a neblina.

‘Ei, tu és o soldado que estava a guardar a cozinha onde o Bestúg morreu’ – disse Limor.

‘Sim, o meu nome é Pumoro’ – disse o soldado, – ‘e vocês devem sair daqui imediatamente’.

Lário agradeceu e montou o cavalo, que era igualmente branco. Limor e Roberta montaram o outro.

‘Por que é que estás a ajudar-nos?’ – perguntou Lário.

‘Estou apenas a seguir ordens’ – disse Pumoro, com um sorriso.

‘Do Danz?’ – perguntou Lário, virando o cavalo em direção a um caminho que já se via porque a névoa estava a ficar menos densa.

‘Não, não do Danz’ – disse Pumoro, – ‘vão agora!’.

Lário e o grupo agradeceram uma última vez e foram na direção do caminho iluminado pela lua.

Ninguém sabia exatamente o que estava a acontecer nem como podiam fazer sentido da ideia de um soldado que não estava a agir sob ordens do Danz os ter ajudado, mas estavam gratos. Gratos por ainda poderem sentir a brisa da noite em seus rostos enquanto cavalgavam pelas terras de Arret, livres, mesmo que como fugitivos.

Ao mesmo tempo, em Basmut, havia muita tensão nas ruas. Era

Capítulo 1: A Fuga

normal, àquela hora, ouvir-se o som de crianças a brincar nas ruas, música nos bares e jovens a conversar e a rir. Naquele dia, porém, nada disso era possível escutar. As ruas estavam repletas de soldados em marcha. O local tinha muito menos cores do que o habitual, já que não aconteciam os festivais que mantinham Basmut viva e colorida. Todas as luzes das casas estavam apagadas. Havia medo, receio e desespero no ar. Como se não fosse o suficiente... ..escutou-se uma forte explosão numa das torres a oeste. Nenhum dos moradores ousou sair de suas casas ou espreitar pela janela para saber o que estava a acontecer. Ouviam-se os passos frenéticos dos soldados a correr em direção à explosão. Uma nuvem de fumo cobria o céu por cima da torre de onde veio o som da explosão. Foi numa das celas de máxima segurança. Os seis soldados que estavam escalados estavam deitados no chão, inconscientes. O prisioneiro que estava lá dentro a dormir acordou lenta e serenamente, olhou para a entrada que estava completamente aberta, viu chamas por todo lugar e a silhueta de um ser que vestia uma longa capa preta. Seu rosto estava coberto de fitas imundas, deixando apenas os olhos à vista.

O homem na cela levantou-se devagar, revelando o seu porte musculoso, e a luz da lua a refletir em seu rosto coberto de tatuagens. Seu cabelo estava preso numa única, grossa e longa trança no meio da cabeça, com os lados raspados. Iniciou a sua marcha até ao portão, parando apenas quando chegou perto o suficiente para sentir o forte cheiro de enxofre da figura que bloqueava a passagem.

‘Rumoro, filho do grande Makiel, o seu cativo termina aqui’ – disse a figura diante do prisioneiro, numa voz com diversos tons indistinguíveis.

‘Quem és tu?’ – perguntou Rumoro, analisando a figura de baixo a cima.

‘Quem eu sou não importa’ – disse a figura, sua voz ecoando pelas paredes da câmara, – ‘cabe-te saber que sou um mensageiro’.

‘Qual é a mensagem?’ – perguntou Rumoro, fixando o olhar nos olhos negros da figura.

‘É uma missão. Matar a princesa da família Ziad’.

Rumoro olhou para a figura com um semblante neutro. Enquanto o fazia, conseguia escutar as armaduras dos soldados a subir até ao topo da torre.

‘Eu não costumo seguir ordens’ – disse Rumoro preguiçosamente, – ‘mas parece que os meus objetivos e os de quem seja que te enviou se alinham’.

A figura à frente de Rumoro desapareceu numa densa nuvem de fumo. Os soldados, que já tinham chegado ao topo da torre, seguiram na sua investida contra o prisioneiro. Rumoro caminhou até à borda da torre e, antes que os soldados o pudessem pegar, saltou do edifício. O ar batia em seu rosto enquanto caía. Olhou para baixo e viu que a torre também estava cercada de soldados. Quando estava perto do chão, as suas tatuagens acenderam num verde fluorescente. A velocidade da sua queda reduziu drasticamente, até que ele pousou no chão em pé, como se estivesse tranquilamente

Capítulo 1: A Fuga

a pisar o último degrau de um par de escadas. As luzes em seu rosto desapareceram. Os soldados à sua volta atacaram-no. Rumoro segurou a espada de um dos soldados que o atacava, pela parte afiada, com a mão e arrancou-a do soldado. Em fração de segundos, derrubou todos os soldados sem muito esforço, deixando-os todos caídos no chão, ou inconscientes ou demasiadamente fracos para continuar a lutar.

Ao sair do pátio, viu um cavalo preto parado na entrada, como se estivesse à espera dele. Ao olhar para a sua cinta, reparou que tinha nela uma espada longa e grossa. Aproximou-se, desembainhou a espada e, vendo as marcas nela a refletir a luz das tochas à sua volta, sorriu maleficamente.

‘Ora ora’ – disse Rumoro, em admiração, – ‘a lendária espada de Talazar. O mensageiro conhece gente poderosa’.

Rumoro montou o cavalo negro e cavalgou em direção ao nascer do sol que já se podia ver no longínquo horizonte.

A LENDA DE
OÃDA
Hinos dos Escravos